

# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 9 n.º	N.º à entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3800	1800	5950	8120
Possessões ultramarinas (idem)...	46000	26000	—	—
Extrang. (união geral dos correios)	56000	28500	—	—

19.º Anno — XIX Volume — N.º 625

5 DE MAIO DE 1896

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Liaboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.— Editor responsável Caetano Alberto da Silva.



## CHRONICA OCCIDENTAL

Fala-se muito d'arte agora no Porto. Creio que nunca houve n'esta cidade tamanha abundancia de novidades artisticas. Por isso são ellas o assumpto de todas as conversações nas manhãs do Palacio de Cristal, no Café Suíço, nos palcos dos theatros, na Praça Nova onde grupos passeiam ás tardes e á boquinha da noite, em todos os pontos emfim onde se juntam os que mais apreciam falar d'essas coisas.

Vai lindo o tempo no Porto. Os fortes calores diminuíram e a primavera ajuda um pouco a exaltar as fantasias, a abrandar os corações. Bemvindas são portanto a esta cidade as companhias theatraes agora annunciadas; bem lembrada foi a representação pela companhia de Lucinda Simões de obra sem rival no theatro portuguez, talvez a obra prima da arte dramatica moderna; com entusiasmo foi acolhida a noticia do proximo concerto que Vianna da Motta e Moreira de Sá vão dar no theatro de S. João.

Vai lindo o tempo e, máu grado as queixas dos lavradores, anda uma alegria no céu. Por detraz dos granitos sombrios debruçam-se para as ruas em cada canto da cidade ramos verdejantes de tilias, cachos brancos de flores de acacia, roxos de glicínias. Um perfume subtil e delicioso enche as vielas mais solitarias, com grandes muros de quintaes, recantos floridos, que, até dentro da cidade, lembram por vezes cantinhos deliciosos de aldeia. As noites são d'uma grande mansidão e o luar nascente faz destacar em negro no céu um sem numero de cruces, as cantarias artisticamente rendilhadas da alta torre dos Clerigos.

Andam mais dispostas as almas para receber a obra d'arte.

Emanuel deve estreiar-se aqui no dia 6 com o Rei Lear. O enorme triumpho alcançado em Lisboa pelo grande tragico italiano na interpretação d'uma das mais extraordinarias creações do genial poeta tem aqui augmentado a anciedade de ver a tragedia tão cheia de paixão, tamanha no poder de nos dar todos os calefrios do misterio sem nunca sahir da realidade.

A primeira recita da companhia italiana estava annunciada para terça feira, mas Emanuel telegraphou ao empresario o adiamento da sua estreia por saber que Lucinda Simões dedicará a noite d'esse dia a um beneficio em favor do cofre da Associação dos Jornalistas. O grande artista quiz assim collaborar com a notavel actriz portugueza n'essa obra de philantropia.

Parece que será a *Francillon* a peça escolhida para aquelle espectáculo.

A companhia de Lucinda ensaia agora a toda a pressa o *Fr. Luiz de Souza*, que brevemente deve subir á scena.

O motivo pelas empresas theatraes geralmente alegado para continuarem a esconder-nos essa obra prima da moderna litteratura dramatica é a enorme difficuldade de distribuição da peça. Não é uma razão. Não é preciso um grupo de genios para representar a obra do genio. Esta por si impõe-se e para isso basta que os differentes papeis sejam, simplesmente intelligentemente desempenhados. Cremos que no theatro de D. Maria a peça obterá um exito colossal com os recursos de que dispõe actualmente a sua empresa. Lem-

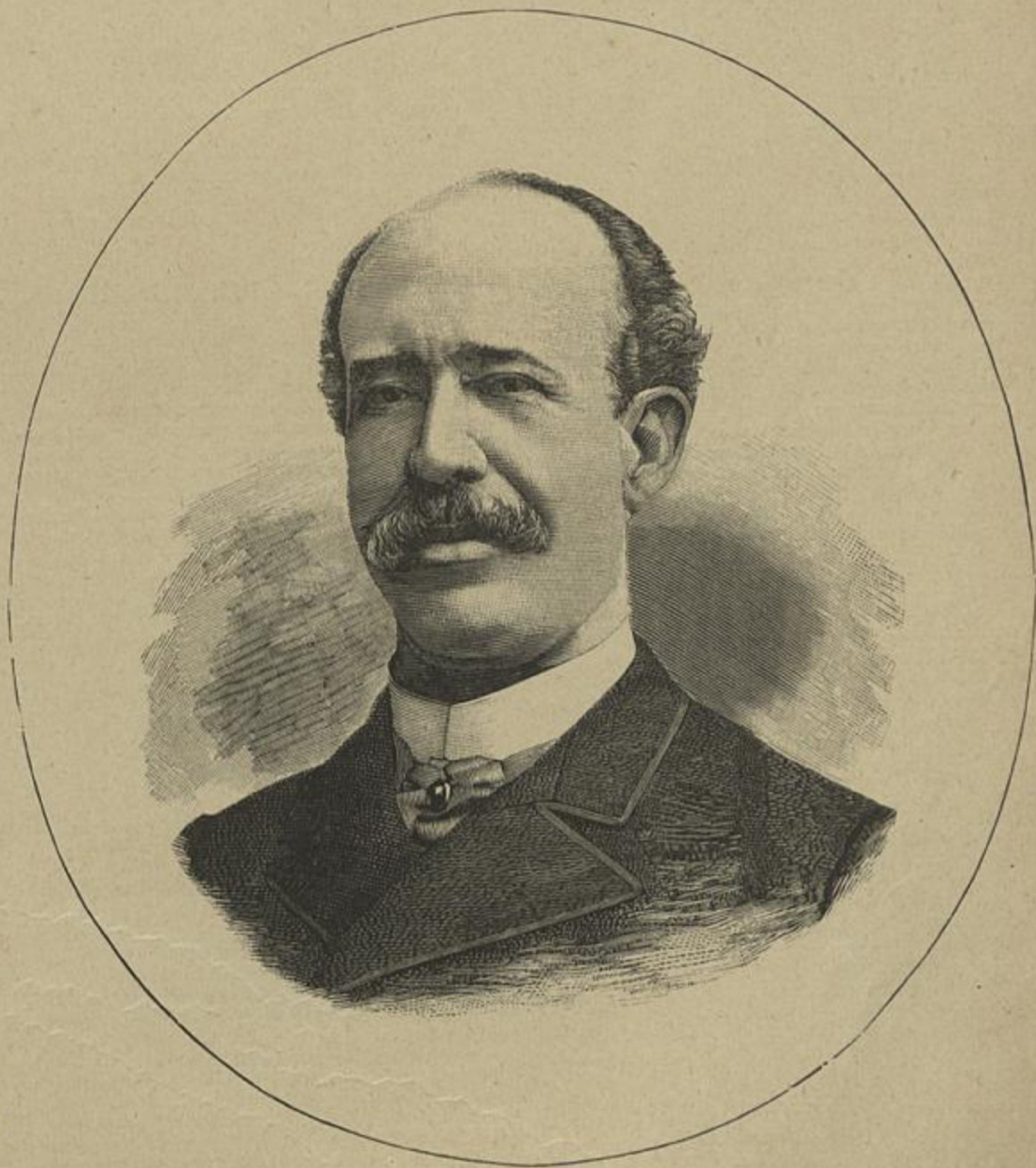
bre-mos do altissimo effeito produzido ha annos pelo drama de Garrett desempenhado n'aquelle theatro por um grupo de simples curiosos. Verdade é que dois dos principaes papeis foram magistralmente interpretados, o de *Maria* pela Sr.ª D. Anna de Noronha e o de *Telmo Paes* pelo Marquez de Bellas.

O papel de *Maria* foi agora distribuido a Lucilia Simões, que terá finalmente ensejo para nos revelar em toda a sua plenitude os vastissimos recursos do seu gentilissimo e esplendente talento. Será para ella uma noite de gloria. Deixará de ser uma esperanza para ser acclamada e com justiça,

prophetisamol-o, uma das nossas primeiras actrizes.

Sejam quaes forem as sombras que venham empanar as glorias d'essa noite, a tentativa da Sr.ª Lucinda Simões merece inteiro o nosso applauso. O quasi despreso a que tem sido votada a obra genial de Garrett constitue um crime de lesa-arte.

Na proxima semana começam no theatro de S. João as recitas da companhia de D. Maria, que são sempre frequentadissimas por todos os que n'esta cidade estimam os progressos da arte dramatica. E' grande a curiosidade de ouvir o moderno repertorio e sobretudo a peça de Marcel-



GUILHERME CAPELLO—COMMISSARIO REGIO DA PROVINCIA DE ANGOLA

(Copia de uma photographia do sr. Bobone)



lino Mesquita, *A Dór Suprema*, classificada por muitos como a obra prima do talentoso auctor.

Além d'esta peça são ainda aqui desconhecidas, entre outras, *O Velho thema*, *O Henrique III*, *O Amigo das Mulheres*, *A Fera Amansada*, *O João José* e *O Sergio Panine*. Muitas outras peças já conhecidas do publico do Porto darão magnificas casas á empresa e tudo faz prever que o exito este anno não será inferior ao dos passados.

A empresa do Taveira que actualmente explora o theatro do Principe Real continua a organizar o repertorio para o Brazil, para onde parte dentro de um mez levando Angela Pinto como estrella. Nunca uma companhia portugueza de opera comica ali foi com mais probabilidades de grande exito. Assim a nossa primeira actriz de operetta melhora da doença que ultimamente a tem perseguido.

Para o Brazil tambem vão partir muito brevemente Vianna da Motta e Moreira de Sá, que no momento em que lhes escrevo esta chronica, estão no theatro de S. João preparando para esta noite o seu concerto de despedida.

E' com devoção que elles devem ser ouvidos esses que receberam de Deus o alto privilegio de nos ensinar a voar, a esquecer, a ir para tão longe d'este mundo, que de lá só possamos recordarnos do que deixámos cá dos nossos corações, amores, saudades, sentimentos suavissimos, tristezas que se abrandam no movimento lento das almas por outras esferas, respirando outros perfumes, na luz d'outros astros, rasgado pela nuiscia dos genios o véo que nol-os encobre.

Vianna da Motta, que ha poucos dias chegou de Allemanha, a terra dos maiores genios da musica e que se acha n'esta cidade hospedado em casa de Moreira de Sá, outro cultor eximio da arte divina de Beethoven e Mozart, é uma das naturezas mais profundamente artisticas que nos tem sido dado conhecer.

Alma genuinamente meridional, prompta a receber a luz, facil na reflexão da luz recebida, nas suas composições ha o que quer que seja do sol que nos illumina agora, do perfume d'esses campos em que florescem as roseiras, ainda não murchavam as violetas e já começam a entreabrir-se as verbenas, da meia luz ternissima dos crepusculos que canta em tom menor saudades e esperanças; ha o azul do céu e das aguas, o cor de rosa das olaias e ao mesmo tempo uma ligeira tinta melancolica de fim de tarde, de quando começar a abrir as flores muito brancas dos cactus, amantes da noite, e as outras adormecem.

A Allemanha, que lhe deu respeito e amor por tudo o que é bello, e fez d'elle, mais que um devoto, um sacerdote, cultivou como em estufa tepida a flor opulenta, amiga do sol, querendo compartilhar comvosco da nossa gloria. D'esse amor, d'esses cuidados bem a paga o nosso artista. A's glorias do seu passado, immoredouras, ás aureolas resplandecentes do presente, põe Vianna da Motta mais um grande arco de luz. Quer toque *A Noite* de Blumenfeld, quer *O Luar* de Beethoven, correm-lhe as mãos rapidas sobre o teclado n'uma fuga de Bach ou suba crystallina das cordas vibrantes uma melodia de Schubert, o artista apaixonado deu-nos sempre intensamente a obra do genio percebida e soube fazel-a perceber. E os que traduzem assim o genio teem de ser irmãos d'elle.

Vianna da Motta está n'um estado progressivo de que brevemente Lisboa vai ter a prova. No Brazil auguramos-lhe um exito enorme, tanto maior quanto é certo de que um dos seus maiores admiradores é Arthur Napoleão, outra grande gloria de Portugal.

Com a sua esplendida rebecca sobraçada acompanhando na viagem Moreira de Sá, director do Orpheo Portuense, a cujos concertos tivemos o prazer de nos referir na chronica antecedente.

E' um apaixonado da grande arte e um artista d'alma e coração. Os concertos no Palacio de Cristal bastariam para nos provar o respeitoso culto que elle dedica ás obras geniaes dos grandes mestres. A boa vontade não seria por si só bastante. O enthusiasmo que se comunica é que dá aos outros a crença no milagre a realisar. E foi um milagre o que vimos.

Em busca de novas glorias os dois vão partir, e d'este paiz tão pobresinho em arte, dois grandes artistas vão lá fóra honrar-lhe o nome.

Pobresinho lhe chamámos, mas não o será para sempre. Quero crer que o que tem até hoje faltado aos artistas portuguezes é simplesmente a protecção do publico mal encaminhado. Precisavamos criticos e estes abundam. Parece um paradoxo e é uma verdade.

Arte! Não a teremos cá? Ainda ha poucos dias tivemos o prazer sublime de descansar um bocadinho os olhos n'uma das mais formosas obras

d'arte que temos visto em Portugal. Foi ali de frente, em Villa Nova, no atelier de Teixeira Lopes.

A commoção dos que ali entram e sabem acarinhando as sensações. dos que sabem como é delicioso sentir uma pequenina lagrima vir mansamente humedecer-nos em devoto enthusiasmo as palpebras, não se traduz em palavras porque as palavras dizem coisas e as almas dos artistas teem segredos.

Não vou referir-me aqui a obras já conhecidas de Teixeira Lopes, mas desejaría saber agora cantar todo um cantico simples e sublime, como os hymnos em latim barbaço da igreja, para poder descrever aquella Santa Isabel, cuja majestade de rainha, cuja austeridade de santa, ficam eternamente, deliciosamente, gravadas na memoria de quem uma só vez a visse.

Nunca a lenda tão ingenuamente poetica, tão genialmente simples, do ouro transformado em rosas, teve quem tão ingenuamente a contasse, quem tão genialmente a percebesse. O milagre está-se realisando. O rosto da santa, o seu olhar teem ainda gravada uma tristeza funda pelas duvidas do seu rei e seu senhor d'ella do seu marido que ama tanto. Junto ao nariz afilado, direito aos olhos, ha um pequenino sulco, quasi imperceptivel, que é o caminho das lagrimas; vai desfazer-se quando ella der por milagre, quando se vir tão ajudada por Deus. A bocca com uma expressão de bondade angelica mal respira com o susto, e a fronte pende serenamente, modestamente, sob a corôa de rainha. As mãos que tanta vez se abriram para dar esmolas abrem-se agora para mostrar a milagrosa innocencia d'aquella de cuja bocca não podia sahir uma mentira. — «Meu Senhor, são rosas.» Foi um anjo que moveu aquelles labios, foi o halito d'um anjo que pronunciou aquellas palavras. Eram rosas que a Rainha Santa escondia no regaço.

Tudo quanto se pôde racionalmente fantasiar do que se passou n'aquella alma, tudo ali está escripto na fronte serena, na tristeza do olhar, na expressão dos labios, no pender do pescoço, no arquear do corpo, no descahir dos braços, no abrir das mãos.

E' uma santa para converter incredulos, que até incredulos não de ajoelhar em frente áquella imagem.

JÃO DA CAMARA.

## CARTAS A UM PHILOSOPHO (1)

### III

Meu amigo:— A revolução social annunciada por Socrates na Grecia, foi uma necessidade da epocha em que viveu este sabio. O povo e os costumes publicos achavam-se completamente pervertidos pela moral dos sophistas: estes ensinavam doutrinas extravagantes e desorganisadoras de toda a sociedade civil e religiosa.

Para obstar a tão grande mal, Socrates fez descer a philosophia do céu para a cidade. Uzando de expressões simples, e ao alcance de todas as intelligencias, dirigiu o homem por methodos facéis no descobrimento da verdade, do nobre, do justo, e de todas aquellas idéas que o engrandecem, elevando-o da sua mesquinhez á perfeição.

A doutrina da unidade de Deus foi o pendão da revolta que Socrates arvorou para moralizar o povo grego, e reuniu-o n'uma unica familia. Mas os velhos deuses expulsos do Olympo resistiram á propagação; e o sabio austero, foi do mesmo modo que Jesus Christo mais tarde, e como todos os apóstolos de uma idéa, morto e infamado por aquelles a quem resgatava da escravidão. Sua doutrina, porém, teve numerosos sectarios; as gerações proclamaram no um dos hemletores da humanidade, e o seculo em que viveu, a aurora da civilização em que vamos tão adiantados.

Na ordem dos reformadores, meu caro philosopho, eu conto em segundo lugar Aristoteles, pedagogo de Alexandre Magno, que, por um caminho inteiramente opposto ao de Socrates governou o mundo, e teve influencia na vida social dos povos como nenhum outro homem, antes ou depois d'elle.

Com aquelle credito e pezo, que dá a muita sciencia e o valimento dos principes, propagou sem opposição o principio da auctoridade illimitada.

(1) Por ter sahido bastante alterado este artigo em o numero antecedente, em consequencia da paginação, falta de que pedimos desculpa tanto aos nossos estimados leitores como a nosso querido amigo e collaborador do *Ocidente*, sr. conde de Valença, publicamos-o novamente no presente numero.

Na idade media vêem se, por toda a parte, os sectarios do mando absoluto, argumentando sempre com Aristoteles. Este sabio governou a corte, as escolas, a tribuna. Tudo, o que tinha influencia nas couzas d'este mundo adoptou suas doutrinas, os seus methodos, porque favoreciam o poder. Para os derrubar foram necessarios muitos seculos, e grandes revoluções.

Contra o despotismo das doutrinas d'este homem celebre, Pyrrro e Epicuro romperam os laços sociaes mostrando na duvida e no prazer sensual o refugio de todos os soffrimentos physicos e moraes. A Grecia, opprimida sob as crenças de Aristoteles, sceptica e libidinosa sob a dos Pyrrronicos e Epicuristas, estava a ponto de desorganisar-se, quando o Portico fez vibrar no fundo do coração humano o principio do dever, e poz com elle um dique á torrente assoladora da incredulidade e da devassidão.

Zenão estabelecendo o principio de que «o interesse nunca deve decidir das acções do homem» chega assim ao conhecimento do axioma que é a base de toda a moral: Existe para o homem uma obrigação inteiramente independente do interesse, e que deve praticar-se ainda quando se oppõe ao prazer ou a qualquer proveito pessoal.

Os factos mais importantes do ser humano, a razão e a sensibilidade, foram discutidos n'estes tempos, e as consequencias de tal discussão foram elevadas á sua maior altura, dictando regras contrarias, onde se arvoravam em dogma moral, ora o interesse, ora o desinteresse, agora o prazer, logo a abnegação ou a obediencia ao dever. São estes os principios que têm governado o mundo até aos nossos dias; e que, debaixo de fórmulas diversas, e combinados de diferentes modos se nos recommendam com as denominações de sistemas mysticos, pantheistas, utilitarios, idealistas, etc.

Creou-se Roma com a doutrina do Portico, e a ella deveu toda a sua grandeza no tempo da republica; Romulo e Cincinato foram fieis observadores da philosophia do stoicismo, e com ella ganharam o nome illustre que tiveram na antiguidade, e a fama de que vivem na memoria das gerações; tambem d'elles se pôde dizer com Sallustio: *paucorum civium egregiam virtutem, cum cuncta patravisse: eoque factum, ut divitiam, paupertas, multitudinem paucitas superaret*.

Mas logo que Roma, fazendo-se conquistadora deixou de ser respeitada para ser temida, o mal que fazia aos outros povos, roubando-lhes fortuna e liberdade, foi a origem da sua propria ruina. As riquezas accumuladas na capital do imperio minaram o povo guerreiro: as terras já não folgavam de se verem cultivadas por mãos illustres; e os escravos tiveram a seu cargo nutrir e defender o povo rei. D'esta arte o individuo que gozava do foro de cidadão romano, ou antes aquelle que gozava do direito de opprimir os seus semelhantes, e de engrandecer á custa do seu sangue, julgou degradar-se occupando-se dos negocios a que eram chamados os escravos. D'aqui nasceu a ociosidade, e d'esta o desejo insaciavel das riquezas para satisfazer a mil necessidades ficticias; o fausto e a ostentação exterior receberam home-nagens, a virtude e a nobreza pessoal foram esquecidas. Uma prostituição asquerosa e horrenda não se fez esperar, elevando-se a costume publico no tempo de Catão. Elle proprio, consul, advogado, general, e philosopho, virtuoso até ao excesso em sua mocidade, corrompido na velhice, pois que entregou sua mulher ao eloquente e opulento Hortencio para depois a receber rica, mostra nos a profunda verdade de que o homem é filho da mulher, vive pouco e é opprimido de muitas misérias!

No meio d'esta corrupção moral, a cidade dos Cezares, florescia materialmente, porque dominava na maior parte do mundo conhecido; com as immensas riquezas accumuladas na sua capital, levantava monumentos vastissimos, e de tal magnificencia, que Leão X, da casa dos Medicis e filho de Lourenço o Magnifico na mesma epocha da renascença, se confessava falto de poder e força para egualar as edificações grandiozas da antiga Roma.

A dissolução porém da sociedade civil, consequencia da perversão moral não se fez esperar por muito tempo. A barbaria, diz Proudhon, renascia medonha d'esta immensa corrupção e estendia-se como lepra devorante sobre as provincias despo-vadas. Como diz Robertson, na introdução á historia de Carlos II, a cidade das sete collinas tinha chegado áquella grau de immoralidade e abatimento, em que as couzas humanas ou morrem, ou se reformam radicalmente.

### IV

Meu caro philosopho, agora desenrola-se ante nós o quadro brilhante da civilização christã; a his-



toria conta como se fez este renascimento do velho mundo, e d'um modo tal que ao lél-a, parece-nos ouvir o estalido das cadeias cruéis a despedaçarem-se debaixo dos golpes rijos dos barbaros, e os gemidos de povoações inteiras, passadas ao fio da espada ou lançadas ao mar pelo feroz Attila.<sup>1</sup>

Emquanto vogaram as doutrinas do Portico, os sabios pretendiam haver exgottado toda a sciencia humana, em objecto de moral; e apesar da ruina a que era arrastada a sociedade d'aquelles tempos convenceram-se de que a doutrina do dever estava sancionada pelos seculos, e pela auctoridade dos letrados. Mas de repente um homem desconhecido, que se diz filho de Deus, e que não tarda a provar sua origem divina, fez desabar as columnas robustas das escolas stoicas, e põe em alarme a velha sociedade. Diz cousas novas, e tão extraordinarias para aquelle tempo, que a terra se torna em campo de batalha, aonde os velhos abusos disputam palmo a palmo a sua antiga influencia. Ainda assim, tão verdadeiras e santas eram as suas palavras, que apenas annunciadas recrutam um exercito numerosissimo d'esses mesmos, que momentaneamente lucravam em as combater. Debalde os interesses arreigados desde muitos seculos, se lhe oppõem escudados nas crenças do paganismo: apesar de tudo a *boa nova* propaga-se<sup>2</sup> com a velocidade de relampago e funda nas ruínas das civilisações antigas uma civilisação nova em cujo gremio reunirá todos os homens, e os ensinará a serem irmãos — civilisação christã.

Meu caro amigo, é de primeira necessidade, que enumere aqui os grandes beneficios que fez a bem da humanidade, a doutrina do crucificado e em geral a igreja catholica sua representante. Eu sei que mais tarde sectarios fanaticos, não se contentando nos justos limites, forçaram as doutrinas dos Chrysostomos, Agostinhos, Aquinos e Belarminos a consequencias que ellas não continham; todavia os homens apenas enxergam o céu d'este tremedal onde tudo morre; taes aberrações, cuja influencia no progresso das sociedades, em seu tempo e logar apreciaremos, não podem fazer-nos olvidar, que a civilisação actual deve a sua perfeição principalmente ás maximas moraes do Evangelho, e á interpretação que a Igreja Catholica lhes deu.

Sem a crença do livre arbitrio, sustentada com tanto calor pela Igreja, o homem porventura usaria livremente das suas faculdades intellectuaes e moraes, e comprehenderia a sua missão n'este mundo? Cremos que não.

A consciencia que o homem hoje tem da sua força, a coragem com que emprende obras gigantescas, e o sentimento de aperfeiçoamento progressivo na vida individual e social, que o domina a todos os momentos, são uma consequencia necessaria da livre applicação das suas faculdades intellectivas a todos os ramos das sciencias e das artes. E quem senão a Igreja Catholica proclamou e defendeu a liberdade das acções humanas na vida physica e moral do homem?

(Continúa)

Conde de Valenças.



## AS NOSSAS GRAVURAS

GUILHERME CAPELLO — COMMISSARIO REGIO DA PROVINCIA DE ANGOLA

Pelo decreto de 23 de março ultimo foi nomeado commissario regio da provincia de Angóla,

<sup>1</sup> Estados profundos de philologia têm levado á evidencia que Attila foi nos povos do Norte, antes a denominação que designava certa dignidade, ou ainda os reis, do que o nome d'um só homem. A tradição e a poesia popular, quasi sempre exagerada, mas tendo o seu fundo de verdade, quando lembra pelo canto os feitos dos seus heroes, chama-lhes Attilas, porque nas linguas arías principalmente, Atla, Atti, Acti, Water significam ou querem dizer, chefe, pae, rei, e ainda corajoso e bravo.

<sup>2</sup> Acompanhando os estados do Gram, por Attila estendemos aqui em geral os povos que da Germania desabaram sobre o orbe Romano.

<sup>3</sup> Fallando dos Apostolos, diz Chateaubriand: «E a doutrina d'estes homens desconhecidos percorreu a terra. João ensinou na Asia Menor, e conservou em sua casa Maria que o Senhor lhe tinha confiado do alto da cruz; Philippe foi para a alta Asia, André para os Scithas, Thomaz para os Parthas, e chegou até ás Indias, onde Bartholomeu levou o Evangelho de S. Matheus, o primeiro de todos os Evangelhos: Simão pregou na Persia, Mathias na Ethiopia, Paulo na Grecia; Marcos, discipulo de Pedro redigiu o seu Evangelho em Roma, e Pedro enviou missionarios á Sicilia, á Italia, ás Gallias e ás costas d'Africa. S. Paulo chegava a Epheso quando Claudio morreu e elle proprio pregava na Provença e nas Hespanhas.

o sr. Guilherme Capello, capitão de mar e guerra da marinha portugueza.

E' longa a lista de serviços do sr. Guilherme Capello como um dos mais distinctos officiaes da armada, que ahi conta tantas illustrações.

Membro de uma familia de homens prestantes, pelo seher e talento, o sr. Guilherme Capello estava naturalmente indicado para a importante commissão de que foi agora encarregado pelo governo, e cujo bom desempenho está garantido não só pela capacidade scientifica do distincto official da armada, mas ainda pela longa pratica das colonias, onde tem passado o melhor de 20 annos da sua vida.

Tendo sentado praça de aspirante de marinha, em 30 de setembro de 1853 e concluido o curso em 1858, embarcou, em 1859, na nau *Vasco da Gama* e depois na barca *Martinho de Mello*, e n'estes dois navios percorreu as principaes colonias portuguezas da Asia e da Africa Oriental e Occidental. Commandou a corveta *Rainha de Portugal* e a canhoneira *Sado* e tanto estas como outras commissões em Africa desempenhadas pelo sr. Guilherme Capello mereceram portarias de louvor.

Em 1873, nomeado governador de Diu, governou aquelle districto até 1878.

Em 1886 foi nomeado governador geral da provincia de Angola, commissão que desempenhou de modo superior.

Por esta rapida resenha das principaes commissões desempenhadas pelo sr. Guilherme Capello, se póde avaliar o quanto foi acertada a nomeação que o governo fez do illustre official da armada, para commissario regio da provincia de Angola, com todas as faculdades do poder executivo, nas actuaes circumstancias bastante melindrosas, por motivo da guerra que se vae travar na Lunda, a qual, muito provavelmente, não será facil debelar com os recursos da provincia, e antes exigirá uma nova expedição militar da metropole.

## A EXPOSIÇÃO DO GREMIO ARTISTICO

Quatorze exposições da *Sociedade Promotora*, as que se lhe seguiram do *Grupo do Leão*, e as seis do *Gremio Artístico*, convenceram já os mais incredulos de que o culto da arte tem em Portugal sacerdotes e fieis, que não deixarão apagar nas aras o fogo sagrado, nem cerrar, por deserto, as portas do templo.

— Quando se abre a exposição? é já uma pergunta corrente na bocca de todos, e a sua forma affirmativa prova manifesta de que ninguem duvida que se faça. Será superior á do anno passado? Esta nova interrogação revela a natural curiosidade e o perpetuo anseio pelo melhor, proprios da humanidade. O *melhor* é licito desejo, mas nem sempre é justo exigil-o: não se realisam taes progressos em tão curto intervallo, sendo elles dependentes, em muitos casos, não exclusivamente do talento e do estudo dos artistas, mas das suas circumstancias e das da sociedade em que e de que elles vivem.

Vae-se desenvolvendo, pois, o gosto pela arte, cresce o numero dos artistas e o dos criticos. Seria já hoje um livro curioso para nós, e de interessante consulta para os futuros historiadores da arte e da civilisação portugueza, aquelle em que estivessem colleccionados todos os artigos de critica, publicados, ha annos a esta parte, no jornalismo, sobre as exposições de bellas-artistas, tanto as promovidas pelo Estado como as realisadas pelas associações de artistas e amadores — as da *Sociedade Promotora*, as do *Grupo do Leão*, e as do *Gremio Artístico*. A historia encontraria n'elle documentos valiosos para o estudo do desenvolvimento das idéas estheticas, porque ahi ficava registado o grau de adiantamento da nossa educação artistica, n'uma serie de exposições de critica d'arte parallelas ás dos pintores, esculptores e architectos.

N'esta chronica das impressões dos criticos contemporaneos — diversamente influenciados conforme o seu natural e a sua educação — manifesta-se a influencia reciproca dos dois elementos que concorrem para a criação de todas as obras d'arte — o publico e o artista. E com relação ao nosso tempo, chegando ao fim d'esta jornada re-conheceriamos que não teem estado ociosos os que commungam n'este ideal, e que se tem avançado muito n'estes ultimos quarenta annos. Os agros, as terras incultas, vão-se desbravando, já as cobre a vegetação, já tem sombras, já dão fructos, e as gerações modernas que se succederam a Anunciação não supitaram na carreira, não perderam o alento, e com a tenacidade e o esforço persistente dos crentes, dos sinceros, proseguem na lucta sem fraquejar.

Mantem-se o nivel conquistado, e a tendencia é para subir. Do lado dos artistas accentua-se, de dia para dia, o proposito de tratar seriamente tudo o que respeita á sua querida arte — d'anno para anno tornam-se mais difficeis as admissões de obras por parte do jury; por outro lado a entrada do publico, que era gratuita, hoje é paga; a concorrência nem por isso é menor, e esta nova verba constitue já uma receita importante para a vida da sociedade.

O espectáculo do presente não é risonho, de certo, todavia anima-nos a crer no futuro: os esforços e os triumphos dos que nos precederam são-nos incentivo para caminhar.

*Laboremus.*

A exposição que acaba de se encerrar, e é a 6.<sup>a</sup> do *Gremio Artístico*, se no numero das obras é inferior á de 1895, é-lhe superior no conjuncto. A differença para menos na quantidade explica a sufficientemente a exposição de Berlim, a que concorreram alguns dos nossos mais notaveis pintores; a superioridade do conjuncto deve-se ao maior rigor na admissão.

Nas 202 obras expostas — pintura a oleo, aguarella, desenho, esculptura, gravura e arte applicada — não ha uma unica genial — ha, aqui e acolá, talento manifesto, isso sim, e, em geral, provas de que os nossos artistas sabem pintar — o que já não é pouco. O muito talento, o proprio genio, não salvam dos desastres, quando os olhos e a mão não estão sufficientemente educados. E sendo o desenho por onde começa a educação artistica, e a pintura por onde ella acaba, é no desenho que os nossos artistas ainda manifestam alguma inferioridade.

O desenho tem uma importancia capital, é o que nos dá a forma dos objectos: todos os artistas conhecem, e nós não repetiremos aqui, a este proposito, a phrase rude de Miguel Angelo, o grande desenhador

Genios não se decretam, não se criam em estufas, e, se não apparecem entre nós, tambem se nota a mesma escassez lá fora, nos grandes centros da civilisação, em França, na Inglaterra, na Allemanha. Tanto na arte como nos outros ramos da actividade humana. Se se fizessem exposições de criticas d'arte como se fazem de pinturas, o que diriam os criticos, se os pintores cahissem a fundo sobre elles, sob pretexto de que entre os expositores litteratos não havia nenhum da força de Diderot, de Theophile Gautier, de Gustavo Planché, de Thoré, de Paul Mantz, de Charles Blanc, de Paul de S. Victor, de Taine, dos Goncourt, de Fromentin, do grande mestre inglez John Ruskin?

Dos artistas expositores mantem-se no mesmo logar, conquistado pelos seus trabalhos anteriores, Christino, Condeixa, Antonio Costa, do Porto, com as suas esplendidas flores, Malhóia, Newton, Marques d'Oliveira, Ezequiel Pereira, Ramalho, Salgado, Vaz, Baeta, Gameiro. Um quadro historico, retratos, paisagens, flores e animaes. Quizeramos dizer algo da interessante tentativa historica de Condeixa, dos quadros de Malhóia, das paisagens de Luciano Freire, e de Ezequiel, dos quadros de Ramalho, onde ha uma *ovarina* deliciosa, delicadamente pintada, e de que o artista me fallou com desdem, mas que elle de certo ama do fundo do coração — apesar de lhe chamar *estudo*. Um *estudo* — acabado. E tambem dois retratos de Salgado, em que ha um excellente, que da *Visão*, francamente, não gosto; das marinhas de Vaz, cujo melhor quadro, que eu não vi, foi para a exposição allemã; das paisagens de Baeta e das aguarellas de Gameiro, que não nos fez agora esquecer os primores que tem apresentado nas outras exposições. Mas falta-nos o espaço, — foi-nos imposto o *esto brevis*.

— Só duas columnas, me disseram: estou vendendo-as. São como as de Hercules — lá está o ter-rivel *nec plus ultra!*

Se não temos aqui grandes composições, dramas sangrentos, scenas commoventes, episodios comicos, se nos faltam novidades nas telas pintadas, temos a novidade d'alguns expositores, nomes laureados, que, filiados no *Gremio*, concorrem pela primeira vez, ás suas exposições.

Columbano não é um novo, é um pintor illustre já hoje na arte portugueza, é *academico*, e isto representa a confirmação official do seu estylo, do seu desenho, e da sua *côr*. A arte official parece ter mudado de opinião a seu respeito, porque o notavel artista não mudou em coisa alguma o seu modo de representar a natureza. Eu,



EXPOSIÇÃO D'ARTE DO «GREMIO ARTISTICO»



UM RETRATO — QUADRO DO SR. SALGADO ✓



MANHÃ — QUADRO DO SR. MARQUES D'OLIVEIRA ✓



A EPISTOLA — AGUARELLA DO SR. ROQUE GAMEIRO ✓



CABEÇA DE ESTUDO — DA SR.ª D. MARIA LUIZA ALTO-MEARIM



NA HORTA — QUADRO DO SR. M. H. PINTO



O ARRANJO DA CRUZ — QUADRO DA SR.ª D. SARAH GONÇALVES ✓



NA SACHRISTIA — PASTEL DA SR.ª CONDESSA DO ALTO-MEARIM ✓



AGAR E ISMAEL — QUADRO DO SR. ANTONIO CLAUDIO DA CUNHA



n'isto, imito-o a elle, e como elle conservou o seu systema, as suas idéas, eu conservei tambem as minhas opiniões. De parte a parte as convicções são sinceras e os direitos eguaes.

D'entre os quadros que expõe, destaca-se o grande retrato de seu irmão Raphael — o brilhante caricaturista — executado na sua maneira predilecta — summaria e larguissima. Foi uma das telas que, por todos os motivos, mais attrahiu as attentões.

Tudo suggestivo — o retratado, a obra e o auctor. Quizeramos dizer mais, mas falta-nos o espaço. Artista muito original, com grandes faculdades de execução — e todavia incompleto, Columbano tem sempre direito à nossa consideração.

Carlos Reis estreitou-se, ha annos, brilhantemente com um retrato, que promettia um grande artista, dando já então muito á conta d'esse futuro. Pensionista do Estado, á volta de Paris, fez-se tambem inscrever no *Gremio*, e n'esta exposição tem dez quadros em que ostenta o seu formoso talento. Na *Primeira communião* — paisagem com figuras — nota-se um bello effeito de luz; *Sem familia* — um camponez — é bem pintado, e a expressão do velho, alquebrado pelos annos, é sentida — Um hom retrato. É excellente tambem o retrato da mãe do artista. Entre as paisagens apreciamos principalmente *Ao cair da tarde*, e a esplendida tela, resplandecente de luz, que pertence á Academia das Bellas-Artes; e tem por titulo *Manhã em Clamart*.

Na ultima sala occupa o lugar de honra, e tem-n'o sem favor, um grande e magnifico desenho a pastel de Sua Magestade El-Rei. Scene rustica — *Gado á bebida*. Uma manada de toiros descendo ao rio com as suas chocas e os seus campinos. Ceu, paisagem e animaes, tudo é bem desenhado; os terrenos desdobram os seus planos em excellente perspectiva, e dão-nos a impressão exacta das distancias. Uma bella composição, que tem direito a ser elogiada sem lisonja cortezã, e sem que nem a consciencia, nem a penna, tenham de fazer restricções. E' mais uma obra de merecimento real, a accrescentar a outras com que Sua Magestade tem honrado as exposições do *Gremio Artístico*.

Estavam tambem aqui as delicadas e graciosas rendas, expostas por D. Maria Augusta Boddallo Pinheiro, a talentosa irmã de Columbano, trabalhos em que revela o seu fino gosto, n'uma especialidade que desveladamente tem cultivado, e que merecia ser protegida por quem póde e deve fazel-o — o governo. E' uma industria que interessa principalmente ás senhoras, que se ornã com os seus artefactos, e ás modestas operarias que, na tranquillidade do lar domestico, longe do bulicio e da corrupção da vida das fabricas, realisam aquelles primores d'uma ligeireza, e d'uma elegancia taes, que nos parecem tecidas por mãos de fadas.

Voltando ás outras salas, já percorridas, não nos despediremos d'ellas, terminando esta rapida e incompletissima revista, sem saudar dois novos — Antonio Carneiro Junior e Antonio Candido da Cunha, ambos educados na Academia do Porto, que na lista dos seus discipulos conta, entre outros, os nomes gloriosos de Silva Porto e de Soares dos Reis; e sem notar e applaudir o progresso que se nota nos trabalhos das artistas amadoras, que já concorrem a abrilhantar estes certamens, e que n'esta exposição passam de vinte! Quão longe estamos do tempo em que as unicas artistas que figuravam no catalogo da *Sociedade Promotora* eram as sr.<sup>as</sup> Silva Reis e D. Celina da Silva, viuva de Marciano da Silva! E' um bom symptoma este. Que as artes sejam protegidas, hospedadas, e cultivadas tambem pelo sexo formoso, que já de si tem o dom, o condão magico de nos encantar e enflorar a vida, e que seja mais uma vez certo o que os antigos francezes diziam: — *Ce que femme veult, Dieu le veult*.

2 maio 96.

Zacharias d'Aça.

## CASA PORTUGUEZA

O artigo que segue, datado de fevereiro de 1895, foi enviado á «Arte Portuguesa», para n'ella ser publicado, pois que pretendia esclarecer, e corrigir em parte uma referencia feita no 1.<sup>o</sup> numero d'essa revista artistica, a uma interrogação que, acompanhada d'algumas palavras disertivas, propozemos, vai em tres annos, á investigação dos amadores de coisas portuguezas, em nota a uma monografia historica que então publicámos. A qual

interrogação vem a ser: *Ha um tipo de casa de habitação, mais ou menos portuguez?*

Vimos ainda a prova typographica, a qual acompanhada de palavras muito amaveis nos foi enviada pelo illustrado secretario o sr. D. José Pessanha, pessoa que não temos a honra de conhecer; mas o artigo não chegou a ver a luz da publicidade. A «Arte Portuguesa», como é sabido, terminou recentemente no 6.<sup>o</sup> numero.

Ha dias, n'um encontro casual com o sr. Manuel de Macedo, veio entre nós á conversa a pouca fortuna de tal publicação. O illustre director do Museu Nacional de Bellas-Artes, falou com a sua conhecida paixão e proficiencia em assumptos d'arte nacional, revelada mais uma vez e superiormente nos seis numeros da citada revista, e quiz lembrar-se do nosso artigo pelo interesse que lhe mereceu o texto lido na prova. Acrescentou, que estava disposto a entrar no assumpto, com os elementos de que dispõe, e no sentido de o encaminhar para um campo pratico e d'aplicação. Tal era tambem o plano e vontade do erudito director da revista, o sr. Gabriel Pereira, conforme nos revelou por vezes. «*Reunir tipos urbanos e ruraes das diversas provincias e ilhas adjacentes etc.*», escrevia-nos elle referendo-se ás casas.

O malogro da «Arte Portuguesa», não obstante vir tão superiormente auspiciada, fez com que o estudo d'um assumpto tão nacional, tão sympathico, e conjunctamente tão util, mal apontasse na sua fase embryonaria. Sim; porque se o monumento architetonico portuguez da era da nossa individualidade historica, está melhor ou peor estudado, a casa não nos consta que tenha merecido igual attenção.

Mas se tal estudo é julgado por tantos modos interessante, por amadores e criticos, porque não hade ser recommçado, para ter o devido desenvolvimento, no OCCIDENTE, revista que lançada mais modestamente aos mares da publicidade, tem tido a fortuna de navegar com todo o tempo? Se uma pretendida *Renascença nacional* é cousa sentida e não meramente rhetorica vã, porque não havemos todos, curiosos e eruditos, criticos e profissionaes, de trazer a esta pequena illustração, que tem sido tão do caracter do seu paiz, o que soubermos do assumpto?

Assim pensamos, assim propozemos, e assim foi aceite de bom grado.

Recomeçemos pois.

— O primeiro artigo será ainda, o inicial que foi na «Arte Portuguesa», a Nota n.<sup>o</sup> 1, á noticia descriptiva e critico-historica «*A casa de Viriato*».

— O segundo, o que enviámos acompanhado de desenhos áquella revista mensal, em esclarecimento do primeiro, mas não publicado.

— O terceiro será composto das gravuras e notas do sr. Gabriel Pereira, que se contem no 1.<sup>o</sup> e 6.<sup>o</sup> numero da «Arte Portuguesa».

E seguir-se-hão assim numericamente os demais escriptos e desenhos quer isolados, quer illustrando o texto, dirigidos á direcção do OCCIDENTE.

I

— Parece-nos haver um tipo portuguez, de casa de habitação. Paula e Oliveira, depois d'uma jornada de exploração anthropologica pre-historica a Traz os Montes em companhia do sr. Nery Delgado, foi a primeira pessoa a quem ouvimos afirmar tal.

Mais tarde tivemos oportunidade de reconhecer n'aquella provincia o facto a que se referia aquelle nosso amigo, já então prematuramente fallecido.

O caracteristico d'estas construcções é o ser reintrante a parede frontal do ultimo pavimento, em relação á parede mestra frontal que vem dos alicerces, dando assim espaço a um balcão largo e desopprimido, abrigado pelo telhado muito saliente, de modo a proteger contra as neves do inverno e os ardores do estio.

Construcções assim vêem-se muitas não sómente em casas antigas do norte do paiz, mas tambem em algumas modernas no Porto. Tambem é grande o numero d'ellas antigas nas praças e ruas de Vizeu.

Será porém esta variante bastante a determinar um tipo? Não estamos habilitados a responder.

Quando no começo d'esta nota nos referimos á existencia d'um tipo nacional, tinhamos em mente certas habitações que observámos na Beira-Alta, nos campos e aldeias em volta de Vizeu. Variam é claro, no numero de pavimentos e na disposição d'uma ou outra parte, mas subordinadas em geral, a um tipo unico, desde a casa solarenga de granito e alvenaria, forte e magestosa, até á casinhota de um andar amanhada com troncos, vigas e tabuas.

A partir do solo, a parede da frente, até á altura de 1 a 2 metros, toma proxivamente uma espessura d'igual dimensão, e é sobre esta massa d'alvenaria, se a casa não é de madeira, que corre a varanda do pavimento nobre e d'ella passam os moradores directamente ao interior da habitação. A parede da frente continua a apumar-se com a espessura normal, sobre a face posterior d'aquella massa, deixando salientemente, á frente, a varanda desafogada.

O pavimento terreo nas casas nobres é para adega, etc., e na face da frente não tem portas nem janellas propriamente ditas, mas sim oculos para entrada do ar e luz; nas de gente remedialada tem a porta á frente e aloja os bois, as cavalgaduras e em muitas d'ellas o rico cevado ou a sua femea e respectivos récos.

Do parapeito ou balaustrada da varanda do 2.<sup>o</sup> pavimento erguem-se com largo intervallo, columnas que apoiam a varanda do 3.<sup>o</sup> pavimento; o telhado por fim, apoiado em outras tantas columnas, e de beirões bem alongados, abre-se como um pavilhão protector. Não vimos, que nos recorde, nenhuma habitação d'este tipo de mais de tres pavimentos, já rarissimo nos campos em geral.

É possivel, sem duvida, rematar uma casa assim edificada com o balcão superior usado no norte do paiz, o qual viria a ter maior largura do que qualquer das varandas inferiores; mas tambem não nos recordamos de ver tal alliança. As de balcão alto vimol-as nos centros de população densa, as de varandas nos campos.

N'estas ultimas, a posição da escada não é a mesma em todas; nas casas senhoriaes, apalaçadas, precedidas de terreiro ou pateo aberto, é perpendicular á frente da casa e de inclinação suave; nas casas pobres é aberta n'uma das extremidades da dita massa saliente da parede e com a mesma largura, se ha parede d'alvenaria, e se a casa é toda de madeira, precede do mesmo modo, encostada á frontaria, a varanda que dá entrada para o interior.

As escadas que nos pareceram mais acertadamente collocadas, estão encostadas a uma das paredes lateraes e com a inclinação necessaria para attingirem o nivel da varanda n'um dos seus topos, deixando assim desafrontada a fachada.

Esta forma de construcção não constituirá um tipo de casa de habitação?

Temos aqui na meza em que estamos escrevendo uns desenhos que gatafunhámos em Vizeu, para fixar na memoria estas construcções. Mas que desenhos, santo Deus! Não obstante, vêl-os é rememorar a convicção que trouxemos de que a casa com balcão ou varanda, conforme a situação, é bem mais agradável e apropriada ao nosso clima variavel, do que muitas que por ahise vêem para uso particular, dispendiosas alias.

E' ainda hoje, em todas as manifestações da antiga vida portugueza, uma provincia muito caracteristica a da Beira Alta. Pesa-nos o não ter podido ir vêr Celorico e Trancoso. D'estas villas historicas diz o fallecido dr. Filipe Simões, no «Relatorio da Exposição da arte ornamental» (*Papeis varios*, etc., publicação posthuma): «Muitas casas de Celorico ainda se conservam com o seu aspecto antigo. Algumas portas e janellas ornamentadas mostram o que era ha 3 ou 4 seculos a architectura civil n'uma villa provinciana.»

«Trancoso, conserva ainda toda a apparencia de uma povoação guerreira da idade media: ruas estreitas e tortuosas, o castello no alto da collina, a cêrca ameçada guarnecendo a povoação. É para assim dizer uma villa fossil, que representa hoje a idade media, como Herculanium e Pompeia representam a epocha romana. A sua architectura religiosa corresponde á epocha da transição do estylo romanico para o ogival, etc., etc.»

Vinha aqui tambem a proposito as observações do sr. Joaquim de Vasconcelos, sobre este assumpto e na mesma provincia; porém a nota já delxa apontada a nossa idéa, e por tanto encerramol-a aqui.

Henrique das Neves.

## PORTUGAL EM 1760

Cartas Familiares  
de José Barretti, traduzidas do italiano

VII

Lisboa, 5 de setembro de 1760.

Lançando hontem á noite os olhos, por acaso, sobre um livro portuguez, e vendo no frontispicio que fora impresso em Lisboa occidental, per-



guntei o que significava aquelle *occidental*, e responderam-me que esta Lisboa aqui, situada na margem direita do Tejo, é assim chamada, para se distinguir de outra Lisboa, que está do outro lado do rio, á qual os escriptores portuguezes dão a denominação de *oriental*;<sup>1</sup> e accrescentaram que *in diebus illis* a cidade era toda para além do Tejo; mas que, com o decorrer dos annos, se descobriu ser mais commodo habitar da parte de cá, de sorte que a pouco e pouco se fez esta grande Lisboa, que antes de destruida pelo terremoto devia ser uma cousa estupenda, e a antiga Lisboa do lado de lá a pouco e pouco se reduziu a quasi nada. Este quasi quiz eu ver logo; por isso esta manhã aluguei ás horas um bote de dois remos, e em menos de uma hora lá me achei. Ambas as margens d'este rio são, pela maior parte, altas e penhascosas, mas a oriental ou esquerda especialmente, é toda ella uma collina mais alta que a nossa dos Capuchinos;<sup>2</sup> e a subida é tão difficil e aspera que faz suar a medulla dos ossos, quando o sol queima, como fez todo o dia de hoje. Mas, meus irmãos, bem sabeis que a curiosidade me faria andar descalço sobre espinhos, quanto mais ao sol. O certo é que, d'esta vez, a curiosidade teve pouco pasto, porque aquella Lisboainha não contém senão dois logaritos de nenhuma importância, um chamado *Almada*, outro *Cacilhas*.<sup>3</sup> Em Cacilhas nada vi de notavel, a não serem os pouquíssimos restos de um pequeno forte situado sobre uma eminencia bastante alta, e que, de certo, não custou muito ao terremoto demolir. Em Almada visitei um pequeno convento de dominicos, chamado de S. Paulo, cujas paredes interiores são forradas de azulejos muito luzentes, que só de os ver refrescam a gente. Este convento já não tem igreja, porque abateu de uma vez com o terremoto, ficando esmagado um frade que estava celebrando missa, e bem assim todas as pessoas que se achavam na igreja, sem escapar uma só. E o padre que me acompanhava n'esta visita disse-me que debaixo das ruínas foram depois tirados os cadáveres de mais de cincoenta mulheres, todos aos pedaços, sem contar os homens, que não chegavam a vinte, cousa digna de todo o credito, porque em toda a parte os homens são muito menos inclinados á devoção, e cuidam muito menos da salvação da sua alma do que as mulheres. Nós, os homens, podemos dizer o que quizermos; mas, por bondade de animo e por virtude, reunidas, as mulheres approxiam-se tanto do caracter dos anjos, quanto os homens se avisinham ao de certos senhores de pontas, de garras e de cauda, que por delicadeza, não quero aqui nomear. Não é porque eu ignore que no mundo existem mulheres de caracter iniquissimo, as quaes por soberba, avareza ou luxuria poriam fogo por assim dizer a um santuario, e muitas hei conhecido que, para enganarem o proximo, ainda que sem grande proveito proprio, teriam deitado a barra adiante d'aquelle que entrou na serpente para enganar a mãe de genero humano; mas, pelo amor de Deus não me obrigueis, meus senhores, a entrar a dizer a verdade, e a pôr a calva á mostra aos homens, pois que, por um bom ou mediocre que me deis, eu vos apresentarei logo dez mulheres. E notaes que, por uma que corrompa a mente de um homem, cem mulheres são corrompidas por um só d'estes traidores, o qual, fingindo afflictão e desesperação mortal por amor invencivel, faz emfim tanto com o auxilio do diabo, que desperta immensa piedade no coração credulo e compassivo de uma innocente e digna creatura feminina, e d'ella se torna senhor absoluto primeiro que a misera e mesquinha caia em si de ter sido vencida pela sua natural bondade e ternura mais que pelo seu appetite e concupiscencia. Por isso, minhas senhoras, podeis estar certas, e recordae-vos sempre de que o maior inimigo que tendes é a vossa mesma bondade, que vos faz obrar a maior parte dos despropositos que fazeis, os quaes despropositos, para vosso maior pesar, e para vossa maior vergonha,

<sup>1</sup> O erro em que, de certo, involuntariamente cahiu aqui o estimavel auctor das *Cartas Familiares* encontra facil correção nas breves palavras que do MAPPA DE PORTUGAL, 5.<sup>a</sup> parte, cap. II, pag. 237, de João Baptista de Castro transcrevemos em seguida:

«Querendo o fidelissimo rei D. João V promover e exaltar com ardentissimo zelo o maior culto de Deus, e o esplendor da sua igreja, impetrou do summo pontifice Clemente XI a bulla aurea, que começa: *In supremo apostolatus solio*, expedida aos 7 de novembro de 1716, pela qual fez erigir na collegial insignia da real capella uma cathedra metropolitana e patriarchal, dividindo para este effeito a cidade de Lisboa, e seu archiepiscopado em duas metropoles, com territorios distinctos, ficando os que pertenciam á linha divisoria da parte do nascente sujeitos ao prelado de Lisboa Oriental, e os que olhavam para o poente ao patriarcha de Lisboa Occidental...»

<sup>2</sup> Collina proximo de Turim, assim chamada por causa de um convento de frades d'aquella ordem, que tem no cimo.

<sup>3</sup> No texto vem *Castiglio*.

são quasi sempre praticados a favor de um ingrattissimo patife, que, quando de vós houve o que desejava, vos despreza, vitupera e aborrece, ou vos trata deshumana e cruelmente, apenas vos entregastes a elle sem nenhuma reserva.—Mas, volte-mos a Lisboa oriental. O desmoronamento da igreja de Almada tornou aquelle logar pobrissimo de habitantes. O convento não fez companhia á igreja, pois ficou de pé, de maneira que nenhum dos frades morreu, excepto o que referi, e um leigo. Das janellas d'esse pequeno convento se desfructam as mais bellas vistas do mundo, porque de uma parte se avista toda Lisboa, e Belem, o rio, o mar, infinitas embarcações, diferentes castellos e fortalezas, que defendem a foz do Tejo, e da outra lindissimas collinas verdejantes e bem cultivadas; por maneira que este, quanto a mim, é um panorama muito superior ao famoso promontorio, em que já vos fallei, o monte Edgecumbe, perto de Plymouth, em Inglaterra. Satisfeita a minha curiosidade pelo que respeita a Lisboa oriental, desci a collina, voltei ao bote, e mandei aproar ao hospital dos inglezes, que fica do mesmo lado do rio, para baixo, para a banda do mar; mas não vi lá cousa nenhuma que parecesse extraordinario, excepto um medico já velho do hospital, um urso, que, tendo recebido aos setenta annos uma rapariga de dezoito, tornou-se, apesar de inglez, tão bestialmente ciumento, que se poz a olhar muito para mim de soslaio, quando vi que me dirigia para o jardim do hospital, porque sua mulher alli estava n'aquelle momento colhendo figos e uvas para o jantar. Comtudo, mesmo nas suas bochechas, fui entrando, sem fazer reparo na sua mulherinha, porque não tenho prazer nenhum em causar aborrecimento a outra pessoa; e antes tenho dó dos velhos, que estão no caso d'aquelle senhor doutor, reflectindo que talvez haveria mister da compaixão dos outros n'aquella idade, se lá chegar, e se então perder o juizo, como succedeu ao pobre homem. Não creio que a ternura do coração e o amor ao sexo feminino se apartem já-mais dos homens educados, se Deus os não ajudar com uma graça especial, e lhes não apagar da fantasia a esperanza do supremo contentamento que é produzida pela idéa incessante da posse completa da belleza feminina. E é por isso que os homens de educação devem, especialmente quando são solteiros ou viuvos, arrecear-se sempre de cair na rede em que o referido doutor cahiu; porque um quarto de hora de violenta agitação do pensamento é muitas vezes bastante para vencer toda a prudencia humana e todas as resoluções mais fortes de um homem considerado circumspetto, e leva-o a praticar um erro grande que precisa de ser sustentado depois com outros muitos erros; e talvez fosse este exactamente o caso do meu pobre velho doutor do hospital inglez donde voltei, rio acima, para casa de um irlandez que negociava em vinhos por grosso, esperando induzil-o, com dinheiro ou com boas palavras, a dar-me algum por miudo, tendo com effeito tanta necessidade d'elle como os meus catraeiros. E foi uma felicidade que aquelle senhor negociante de vinhos que se chama *O'Neal*, usasse para commigo de tanta cortezia quanta villania tinha praticado o velho doutor da tal mulher nova, o qual apenas quiz consentir que eu depenicasse um cacho das suas vinhas, que todavia estavam carregadissimas d'elles. Deu-me com liberalidade o sr. *O'Neal* a beber quanto eu quiz, e fez-me provar mais qualidades de vinhos muito estimados, e aos meus suados barqueiros deu tambem um garratão, pondo ainda difficuldade em deixar metter algum dinheiro no bolso de um seu pequeno. Aquelle cavalheiro tem a sua casa protegida do rio por uma especie de molhe construido de grossos penedos, e, tendo eu subido a esse molhe, recreei-me de ver dois escravos da Guiné, mais pretos do que pez nadarem no rio, e darem viravoltas e saltos na agua, e mergulhos, que era um regalo veloz; e, a troco de alguns cobses que lhes dei, armaram uma dança sobre as ondas, cantando á sua moda, ora mergulhando, ora pulando de todo no ar, de modo tão assombroso, que seria mais facil agarrar uma enguia pelo rabo. Da canção do baile, que me cantaram em lingua africana só comprehendí que era uma rima, nem mais nem menos do que a de *Lourenço de Medicis* e do Policiano. Alguns modernos inimigos da rima teem dito e continuam a dizer que essa futilidade foi inventada pelos frades nos seculos barbaros, e em apoio da sua opinião citam os versos leoninos; mas eu achei que os americanos do Mexico e de outras partes do novo mundo usavam das rimas antes do nascimento de Christovam Colombo, e é claro que faziam uso d'ellas por serem proprias da poesia, fosse esta o que fosse, boa ou má. E pela mesma razão os mouros da Guiné, e provavelmente de toda a Africa, empregam a rima em to-

das as suas poesias, sem haverem tido por mestres os inventores do verso leonino. Custa-me bastante não saber musica para apanhar as poucas e sollemnes notas d'aquella canção africana; e, quando fiquei satisfeito, voltei a prôa para Belem, e fui visitar o convento dos Jeronymos. Não me foi possivel ver a igreja de um lance de olhos porque os pedreiros tinham construido lá dentro um andaime formidavel para reparar e abobada que foi derrocada pelo terremoto. Todavia, não é dos mediocres, com relação a grandeza; e no convento entre outras cousas é para notar um extenso dormitorio que tem duzentos e tantos dos meus passos naturaes, e a frente de todo o edificio para a banda do rio conta quatrocentos e vinte e cinco. O convento, muito antigo, é da mais bella e extranha architectura gotica, com a fachada e os claustros, tanto de cima como de baixo, ornados de muitissimas estatuas; e para cima de cento e trinta religiosos agora alli se aijam commodamente. A beira do rio, pouco distante do mar e das janellas d'aquelles frades é um gosto ver os navios irem e virem. Em torno do convento, além de um espaçoso jardim, suas pater-nidades possuem um grande tracto de terreno pedregoso e esbarrocado todo com muros em volta e cheio de oliveiras, entre as quaes ha muitas cellas e capellinhas, onde alguns peccadores de pobre condição vão levar vida solitaria e ociosa, a que elles chamam vida santa, e eu não deixo de lhes dar razão de terem a vida que passam aqui, sabendo eu tambem por longa experiencia que o fatigar-se a gente como cães para viver é verdadeiramente uma vida diabolica, ao menos de telhas abaixo. Comido um cacho de uvas que me deram os padres, e observadas algumas plantas do Brazil muito curiosas no seu amplo jardim, especialmente a que é chamada *banana*, subi o rio para não faltar ao jantar, e tornei a fazer o que tinha feito no dia da minha chegada a Portugal no paquete inglez, quero dizer, tornei a percorrer com os olhos as habitações de Belem, as quaes, vistas do rio, apresentam um aspecto encantador por estarem no pendor da collina, de maneira que a quem faz o seu caminho por terra e proximo d'ellas estão longe de despertar tanta admiração como a quem vaé pelo rio e a distancia. Além do antigo palacio que o rei tem em Belem, e da casa de tijollo e de madeira que, depois dos estragos que n'aquelle produziu o terremoto, sua magestade mandou edificar aqui *pro interim*, ha ainda o Pateo das Vaccas, onde tem um picadeiro para ensinar os seus cavallos, e que é uma fabrica muito adornada de estatuas e de bustos, parte collocados em cima dos muros, e parte em nichos. Ha o palacio denominado da vice-rainha das Indias, e do marquez de Ginges (?), o do embaixador de França, o do fallecido patriarcha, o do patriarcha actual, o do secretario de estado da marinha, o forte da Junqueira, o palacio do cardeal Acciaiuoli, que era nuncio do papa, e que, não ha muito, foi mandado d'aqui para fóra improvisamente; o do conde da Ribeira, o do infante D. Manuel, tio do rei, o do secretario de estado Carvalho, cercado por um bom numero de guardas; outro que serve de carcere aos reus de estado, e o que pertencia ao duque de Aveiro, o qual era todo de bellissimo marmore branco, além de alguns outros, cujos nomes me esqueceram, e de muitissimas casas, igrejas e conventos, em parte arruinados, e em parte só damnificados pelo terremoto; e ainda de grandissima quantidade de casitas edificadas depois do terremoto, as quaes, por serem novas e caídas, produzem bello effeito em quem as contempla do rio. Quando forem removidas todas as pedras do que pertencia ao duque de Aveiro, e aplanado o sitio em que elle estava, erguer-se-ha no meio uma columna infamante, para memoria do acto desesperado do mesmo duque, cujo caracter, por tudo quanto pude apanhar, era um mixto de infernal soberba, de extrema ignorancia, de bestial loucura, e de cruel pundonor a respeito d'aquella especie de honra da qual se faz hoje tão pouco caso em muitas partes da Europa. Oh meus irmãos, vede se aproveitoe o tempo que tenho de passar aqui, pois parte d'elle o emprego em observar o visivel, parte em informar-me do invisivel, e parte a preparar para vós e para outros uma sécca enorme com estas minhas cartas prolixas. Comtudo, talvez que vos não enfadem, por serem escriptas pelo vosso José; e eu sou d'este parecer; de outra maneira é claro que, se pensasse em maçar-vos ou a quem as lesse, não teria tanto incommodo, como tenho, para as escrever. Bastará dizer que tenho dez ou doze pessoas aqui em casa que todas dormem como porcos, e eu ainda estou a rabiscar papel, e as ave-

<sup>1</sup> O texto diz *phiri*, que significa leitões.



sinhas lá saúdam a aurora, e cantam a alvorada á bella amada de Titão. Ah! Vamos dormir um pouco, que é vergonha velar toda a noite como fazem os morcegos e as corujas. Adeus.

Alberto Telles.

## NECROLOGIA



DR. BERNARDINO PINHEIRO

FALLECIDO EM 3 DE MARÇO DE 1896

O fallecido dr. Bernardino Pinheiro nasceu em Coimbra a 20 de fevereiro de 1837, filho do capitão e proprietario de navios José Joaquim Pinheiro.

Seguiu primeiro a carreira commercial, para o que cursou, em Lisboa, a Aula de Commercio e depois foi para o Brazil onde esteve pouco mais de um anno, no Rio de Janeiro.

Durante aquelle pouco tempo affirmou ali a sua tendencia litteraria, sendo um dos fundadores do *Gremio Litterario Portuguez* e collaborou nos jornaes a *Semana* e *Jornal do Commercio* a folha mais considerada do Rio de Janeiro.

Voltando a Portugal foi estudar para Coimbra onde se matriculou na Universidade, e ali se formou em Direito, em 1862, depois de um curso brilhante.

Entrou na carreira de funcionario publico como conservador do registo de hypothecas do districto de Coimbra, logar que adquerio por concurso.

Em Lisboa exerceu a advocacia com muita distincção e, em 1870, foi ao concurso para secretario do Supremo Tribunal de Justiça, sendo nomeado mais tarde director geral do dito tribunal, logar que occupou até o seu fallecimento.

Bernardino Pinheiro foi intimo amigo de Saraiya de Carvalho. Espirito liberal e democrata, melitou no partido republicano moderado e tomou assento na camara em varias legislaturas.

Deixou ficar alguns trabalhos litterarios de grande apreço, taes como: *Ensaio sobre a organisação da Sociedade Universal*, *o Filho do Povo*, *D. Guimaraes Coutinho*, *Arzilla*, *Sombras e Luz*, *Os amores de um visionario*, e um estudo sobre o reinado de D. Diniz, que faz parte da *Historia de Portugal* editada pela *Empresa Litteraria de Lisboa*.

Bernardino Pinheiro aliava á sua vasta illustração preciosas qualidades de caracter que o tornavam estimado e fizeram sentir muito a sua morte.

## SEBASTIÃO DE CARVALHO LIMA

No dia 23 de março ultimo finou-se em Aveiro Sebastião de Carvalho Lima, homem illustradissimo e intelligente, a quem o povo de Aveiro, principalmente muito devia, pelos grandes serviços que lhe prestou, tanto nos elevados cargos publicos que ali exerceu como nas instituições particulares a que presidiu e dirigiu.



SEBASTIÃO DE CARVALHO LIMA

FALLECIDO EM 23 DE MARÇO DE 1896

Sebastião de Carvalho Lima, nasceu na villa do Eixo, em fevereiro de 1821. Seguindo o destino de tantos outros portuguezes, que no Brazil tem conquistado fortuna, sorriu-lhe a elle tambem a idéa de partir para aquelle novo mundo, e foi novo ainda em annos e tendo concluido os estudos preparatorios para se matricular na universidade de Coimbra. Trocou, porém, a Luza Athenas pela cidade do Rio de Janeiro, e com as habilitações que tinha e a natural intelligencia de que era dotado, facil-lhe foi adquirir em pouco tempo uma posição condigna, estabelecendo-se de sociedade sob a firma Lima Miller & C.<sup>a</sup>.

A sua actividade e honradez de caracter foi capital importante que depressa deu compensadores juros, e assim tanto se augmentou em bens como em relações com as mais distinctas familias fluminenses permitindo-lhe contrair matrimonio com a sr.<sup>a</sup> D. Leocadia Rodrigues Pinto de Magalhães filha de Guilherme Pinto de Magalhães, presidente da direcção do Banco Hypothecario. D'este consorcio nasceram quatro filhos; Sebastião de Magalhães Lima, nosso prezado amigo e collega do *Seculo*; D. Zulmira de Lima Rodrigues, esposa do sr. dr. Julio Augusto Henriques, lente da Universidade de Coimbra, e director do jardim botanico; D. Lucilla de Lima Alves Diniz, já fallecida; e Jayme de Magalhães Lima, agente em Aveiro, do Banco de Portugal e deputado da nação.

Em 1854 regressou a Portugal estabelecendo a sua residencia em Aveiro, quatro annos depois.

Amigo dedicado de José Estevão acompanhou-o sempre na politica e se por ella se quizesse elevar em cargos e honras, não lhe faltavam predicações para o fazer, pois, além de ter accettato a candidatura de deputado por Agueda, em 1864, recusou o pariato assim como um titulo de que chegou a estar lavrado o decreto, affirmando assim o seu character extremamente liberal e democrata.

Foi durante quinze annos presidente da camara municipal d'Aveiro e á sua iniciativa e intelligencia muito deveu aquelle concelho. Presidiu por largos annos á junta geral do districto, pugnando sempre pelo bem geral sem facciosismos politicos, apesar das grandes influencias de que dispunha.

Fundou e dirigiu a Caixa Economica Aveirense, que levo ao maior gráo de prosperidade pela sua administração sábia e honrada, valendo muitas vezes a esta instituição, com os recursos da sua bolsa e do seu nome, em occasiões de crise economica, para lhes restabelecer o credito.

Apesar de afastado da politica, nos ultimos annos, era ainda assim muito dedicado ao partido regenerador.

A actividade do espirito não lhe diminuiu com a idade até o fim da vida lidou nos seus negocios e manteve culto pela litteratura interessando-o bastante.

A sua morte foi muito sentida e d'aqui enviamos os nossos pezames á sua familia e em especial ao nosso collega e amigo dr. Sebastião de Magalhães Lima.



Recebemos e agradecemos:

*Portugal agricola*, 7.<sup>o</sup> anno — 1896. Redactor-proprietario João Achilles Ripamonti. — O importante periodico continúa mantendo a mesma selecção de collaboração que tão bem o distingue, na sua especialidade. Os n.<sup>os</sup> presentes alcançam a Fevereiro do corrente anno

*Le Monde Moderne*, revue mensuelle illustrée. A Quantin, Editeur; 5, rue Saint Benoit, Paris. Mai 1896.

E' sempre difficil a escolha entre os artigos d'esta notavel revista franceza, cujo numero de Maio, que temos presente, insere mais de vinte, todos primorosamente illustrados e de equal interesse.

Podemos, todavia, destacar um novo pequeno romance devido á penna elegante de Abel Hermant, e tambem merece verdadeiro apreço o artigo de Luiz de Lannay, acerca do Transwal, cuja oportunidade lhe dá subido interesse, crescendo a circumstancia de que é uma narração pittoresca e atrahente em que se sobreleva a authenticidade das informações que offerece.

*Renascença*, revista quinzenal, litteraria e critica. N.<sup>o</sup> 5 abril 24 — 1896.

A graciosa revista tem seguido impavidamente o seu programma distinctamente dirigida por Nuno de Bulhão Pato.

Entre outros artigos insere os seguintes: *Chronica*, *Analyses*, *Syntheses*, *livros*, *Anthero do Quental*, *Arte*, *Aguas fortes*, *Gremio Artistico*, *Theatro*, *Letras*, *catastrophes*, etc.

As delicadas illustrações que ornamentam este numero são as photo-gravuras dos retratos de Anthero do Quental e Columbano Bordallo Pinheiro.

*O Livro do Coração*, (primeiros versos) por Manuel Telles, Coimbra 18 — 95.

Elegante volume, cujo contheudo são delicados versos de metros differentes, mostrando no seu auctor elementos valiosos de uma technica que começa a ser manejada com exuberancia, e de um talento digno de ser animado:

Sem as nebulosidades de que tanto se enfermam os poetas da moda o sr. Manuel Telles escreveu um delicioso livrinho em que para lhe dar valor sufficiente basta a intenção que com tanta felicidade indica n'esta estrophe:

*Livro do Coração! Livro de prantos,  
Livro d'Amór!*

*Livro onde eu deixo os meus primeiros Cantos  
Livro onde eu puç minha primeira Dór!*

E em verdade assim foi. A sua alma juvenil e impressionavel expande-se e retrata no *Livro do seu Coração*.

## A CAMPANHA D'AFRICA

CONTADA POR UM SARGENTO

EDIÇÃO POPULAR

Illustrada com 40 gravuras retratos dos heroes da campanha, vistas de terras d'Africa, combates, etc.

Preço 300 réis, pelo correio 320 réis

Sae a publico no dia 15 do corrente

PEDIDOS Á EMPRESA DO OCCIDENTE

LARGO DO POÇO NOVO

LISBOA

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.